

## INTELIGÊNCIA COLETIVA – ESTUDO COLABORATIVO NO ENSINO DA ARTE EM GRUPO DE APOIO AO PACIENTE ONCOLÓGICO

Silvana Ramos da Silva<sup>1</sup>  
Genilda Alves Nascimento Melo<sup>2</sup>  
Carlos Alexandre Lima Reis<sup>3</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

A inteligência coletiva é um acervo da humanidade, pois trata de um legado compartilhado por cada indivíduo em seu grupo social, que no curso da história, chegou às demais pessoas. É a soma da memória, da percepção, da imaginação, tornando um acúmulo de conhecimento. O desenvolvimento do homem, ao longo do tempo, se deu na construção de diálogo, na reconstrução de significados, mas que acumulados às gerações, estabeleceu um conhecimento progressivo sobre as pessoas, os ambientes e os fatos.

Pierre Lévy (2015) argumenta que a natureza já produz esta inteligência compartilhada, a exemplo de: formigueiros, colmeias, sociedade de mamíferos, os pássaros, cardume de peixes. Essas comunidades animais conseguem se articular, se comunicar e juntas solucionarem o problema na defesa do ambiente, frente a um perigo. Os seres humanos, como característica de um ser natural, possuem essa inteligência coletiva. Entretanto, a inteligência dos humanos é singular, já que eles possuem um sistema articulado de comunicação, a linguagem. Os humanos têm inigualáveis condições da criação de um sistema de coletivo de inteligência, pois dispõem de recursos diferenciadores dos outros animais. Dessa forma, são capazes de se conectarem, pensarem juntos, potencializarem esse pensamento, superarem os mais diversos desafios.

Vera Wielewiski (2014) apresenta para este contexto o conceito de educação pluralista em que cada indivíduo é diferente, por isso pode inter-relacionar – se, compartilhar o conhecimento e ao mesmo tempo somar a outros. Cada um tem o que falta no outro. Nessa perspectiva, a temática é trazida para o ensino da arte em Casa de Apoio de Pessoas com Câncer. O ensino da arte como componente curricular tem sofrido por revisão de conceitos e

---

<sup>1</sup> Especialista em Psicopedagogia – Faculdades Integradas de Amparo – São Paulo – BR; Especialista em Educação Especial e Inclusiva – Faculdade Internacional de Curitiba – PR – BR; coautora – [sramoss@uol.com.br](mailto:sramoss@uol.com.br).

<sup>2</sup> Mestre em Supervisão e Formação de Formadores – Instituto Superior de Ciências Educativas: ISCE- Ramada – PORT; autor principal – [genilda2010@gmail.com](mailto:genilda2010@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduado em Ciências Sociais- Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus – BR; Professor do Instituto Teológico da Assembleia de Deus – Itabuna-BA-BR; coautor - [reis.carlosalexandrelima@gmail.com](mailto:reis.carlosalexandrelima@gmail.com).

procedimentos, mas a Base Nacional Curricular Comum (2018) faz uma inovação, pois orienta que a arte não deve ser trabalhada apenas através de códigos e técnicas, mas no envolvimento direto, nas dimensões do conhecimento: investigação, criação, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Assim, o ensino da Arte em Casa de Apoio de Pessoas com Câncer traz nova perspectiva: uma inteligência distribuída entre os indivíduos que moram naquele ambiente, mas que se transforma em patrimônio de todos, ao participarem das atividades diárias em aula; o conhecimento particular e singular de cada um se inter-relaciona na construção das informações, em que a hospitalidade, a sensibilidade e a cooperação produzem um conhecimento igual a todos.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi desenvolvida com abordagem quali – quantitativa. Conforme Laurence Bardin (2011), o que torna esta pesquisa singular é que “serve de informação, é a frequência com que surgem certas características do conteúdo.” (P.26) Barros Neto (2015) diz existir um diferencial na pesquisa qualitativa é que, ao longo da investigação, ela vai se adaptando, apesar de também ter um protocolo a ser cumprido.<sup>4</sup> O priorizar por esse tipo de procedimento se deu em possibilitar diferentes leituras e questionamentos. A Base teórica é sustentada por autores que ajudaram a dar melhor interpretação dos fatos pesquisados, sobre o ensino da Arte na Casa de Apoio de Pessoas com Câncer.

Maria Minayo (2014) mostram que optar por esse tipo de pesquisa, permite ao pesquisador ter um maior relacionamento de intersubjetividade com os grupos sociais. Marie – Fabienne Fortin (2010) entende que esse é um método que possibilita documentar a fonte das ideias, enriquece a defesa da tese e sustenta os argumentos. Para ela, esse processo é sistemático que permite examinar fatos, a fim de conseguir as respostas para questões pontuais que merecem uma investigação.

A pesquisa ocorreu no Grupo de Apoio ao Paciente Oncológico – GAPO, que é definido como pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com autonomia administrativa e financeira. A instituição é administrada por uma organização hierárquica, composta por uma Diretoria Executiva; também conta com o apoio de voluntários. O GAPO é situado em Itabuna/Bahia e foi criado com objetivo de acolher pacientes adultos de várias regiões do Estado da Bahia que estão em tratamento de câncer e não possuem condições financeiras de custear as despesas com hospedagem. A Casa de Apoio pode acolher até de 10 pacientes juntamente com o acompanhante, durante o processo de quimioterapia e radioterapia.

O fazer pedagógico no GAPO teve início em outubro de 2018, com a implantação da Classe Domiciliar, pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia e Superintendência de Políticas Públicas para a Educação Básica, Núcleo Territorial Estadual – NTE-05/Itabuna, em cumprimento à Lei nº 13.716 de 24 de setembro de 2018, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para assegurar

---

<sup>4</sup> Palestra proferida pelo professor José de Paula Barros Neto, como o tema Pesquisa Qualitativa e Quantitativa, na Universidade Federal do Ceará, em 20 de abril de 2015.

atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado.

De outubro de 2018 a agosto de 2019, participaram das aulas na Classe Domiciliar, 70 alunos - pacientes oncológicos e acompanhantes, na faixa etária entre 23 a 84 anos de idade, que apresentavam diferentes níveis de escolarização, desde aqueles que nunca tiveram acesso à escola/educação formal, outros que possuíam o Fundamental II ou Ensino Médio incompleto e uma maioria que estudou apenas as primeiras séries do Ensino Fundamental I.

Em termos de estruturação pedagógica foi definido a modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos -EJA, tendo em vista o perfil dos alunos. As aulas foram planejadas levando em consideração o aluno-paciente e acompanhante de forma integral, ou seja, observando os aspectos afetivos, cognitivos e sociais a fim de assegurar a inserção ou a continuidade dos estudos, bem como a melhora no bem estar emocional e físico.

Desta forma, para a sistematização de conteúdos para as áreas do conhecimento, foram elencados temas geradores e elaborados projetos pedagógicos mensais, que nortearam a proposta de trabalho. Especificamente será abordada nesta pesquisa a experiência dos alunos do GAPO nas aulas de Arte no mês de junho de 2019 e a importância deste componente curricular propulsor de aprendizagens coletivas significativas.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1 – A Arte como mediadora da comunicação**

Quando uma pessoa é acometida por uma enfermidade, cujo diagnóstico traz uma série de indefinições quanto à vida, um tratamento prolongado, em outra cidade, o afastamento do seio familiar, das redes de amizade e trabalho, gera sentimentos como a tristeza, abandono e medo, que podem prejudicar ainda mais a saúde física e emocional. Daí a importância de conseguir articular, na Casa de Apoio, com o grupo de alunos, atividades pedagógicas que evidenciassem e valorizassem as experiências de vida, dessem voz aos sentimentos, anseios, potencializassem os pensamentos e ideais, desenvolvessem novas habilidades, com o intuito de fortalecê-los, para superar aquele momento tão delicado.

Entretanto, existia um entrave para alguns, sobretudo, aqueles que nunca haviam estudado. O fato de se expressar oralmente ou através da escrita, diante de um determinado tema, era assustador e impossível, então foi necessário criar estratégias, como através do ensino de Artes, onde todos os alunos pudessem se expressar em diferentes formas, se reconhecer como seres únicos, sensíveis e criativos, e que, ao realizarem trocas com a turma, ampliassem o conhecimento de mundo: o mais velho tinha a experiência, o mais novo, o leve traçado das formas e o manejo com as cores, juntos formaram um belíssimo trabalho de arte – educação.

Assim, o trabalho pedagógico foi realizado com a participação de pacientes e acompanhantes da Casa de Apoio: a estrutura organizada com dois mesões, dispostos de forma retangular, com capacidade para dez pessoas, mas com altura proporcional a um trabalho aconchegante. No mês de junho, por conta da proximidade com as festas juninas, foi escolhido o tema “São João, uma face nordestina”. As atividades propostas abrangeram as áreas do conhecimento, como também foram ilustradas e enriquecidas pelas experiências de

vida dos alunos e os saberes regionais. Na área Ciências Humanas foi discutido a origem e história das festas juninas, o significado dos símbolos, a influência dos povos: europeus, africanos e indígenas, através da aula expositiva e participativa. Houve a busca pelo entendimento de cada um sobre a cultura e valorização dos costumes transmitidos de geração a geração; em Ciências da Natureza preocupou-se em relacionar a face nordestina às questões ambientais, uma vez que foi comemorado em 05 de junho o Dia Mundial do Meio Ambiente. A temática foi explorada através de várias músicas de forró, dentre elas, o “Xote Ecológico”, de Luiz Gonzaga, bem como na literatura de cordel, com alguns exemplares, como “Liberte o caga sebite (e a poesia O cadarço).”

Outro aspecto trabalhado foi a importância do milho em diferentes civilizações, sendo o cereal mais produzido no planeta, e não diferente, no nordeste brasileiro está presente na cultura e culinária, sobretudo, nas festas juninas. Na dimensão das Ciências Matemáticas viu – se conceitos de quantidade, medidas de peso e volume e variedade das espécies no Brasil e em outros países. Produção, comercialização, preparo de comidas típicas (quantidade de ingredientes nas receitas). Mas foi em Linguagens, Códigos e suas Tecnologias que o trabalho veio a concretude, através de aula expositiva e da participação efetiva dos alunos trazendo seus repertórios e vivências, que o tema ganhou uma amplitude e significado.

A percepção que, naquele grupo de alunos existiam habilidades que ainda não haviam sido desenvolvidas, como: autonomia nas práticas de linguagem - como leitura e escrita, foi essencial para maior monitoramento. Entretanto, um crescente sentimento de coletividade que impulsionava-os a se relacionar, a assumir riscos em conjunto e a superar as dificuldades. Era notório a experimentação do pensamento coletivo, conceito-chave na produção e na circulação de conhecimento, definido por Lévy (2015).

Aos poucos os conteúdos referentes à faceta junina estavam sendo estudados, falados, cantados em rimas e prosas, e sem que percebessem, os alunos já passeavam por estilos textuais diversos e se surpreendiam com os causos compartilhados e as histórias rimadas que eram apresentadas em literaturas de cordel. O trabalho com cordéis foi incrível devido à linguagem fácil, ritmada e rimada, que chamou a atenção, favorecendo o desenvolvimento da percepção e consciência fonológica, por retratar uma realidade social próxima a dos alunos, geralmente provenientes da zona rural, que logo se viam nos enredos, e por conter uma ilustração simples, mas peculiar – a Xilogravura.

Compreender a importância dos cordéis; pensar como uma forma de expressão do povo nordestino está cada vez mais escasso; como são escritos, a finalidade (diversão ou protesto); qual a técnica utilizada para impressão em papel jornal (baixo custo); como são expostos: pendurados em barbantes, comercializados em feiras livres e como é realizada a ilustração em preto e branco, despertou o interesse do grupo. Para aproveitar a motivação dos alunos para expressarem algo acerca do cordel, que ainda não fosse o registro escrito, devido à negação em realizar tal competência; mas que de forma tão importante, expressasse todo o conhecimento que estava sendo partilhado e construído, foi proposto a realização de uma oficina de artes.

### 3.2 Entre falas e pinceis

Apesar da complexidade do tratamento, razão por estarem residindo temporariamente no GAPO, a introdução das aulas no período da manhã trouxe para a rotina dos pacientes um refrigério e uma leveza; o tempo otimizado, tornou – se um atrativo e algo esperado. Tal constatação impulsionou o exercício da docência a desafiar o grupo para a realizações de novas atividades, experimentação de técnicas, o reconhecimento e exploração de diferentes formas de expressão, seja através das artes visuais, dança, música, como instrumentos de intervenção, recriação e transformação da realidade. (BNCC, 2018) Desta forma, surgiu a proposta de realização de uma Oficina de Artes em Xilogravura, que aconteceu em 05 aulas e recebeu uma ressignificação à medida que os alunos compreendiam a proposta e se tornaram receptíveis a desafiarem o imaginário e a criatividade.

Anterior à data de realização da oficina, os alunos contemplaram várias imagens impressas de xilogravuras, descreveram, perceberam o traçado e conheceram as características da técnica. No momento em que deram início à oficina, já tinham definido o que iriam retratar, mas algo chamou atenção: o sentimento de inclusão do outro na forma como se apresentava.

Era clara a compreensão do somatório de potencialidades: os mais tímidos foram encorajados, os que nunca, no sentido literal da palavra, haviam desenhado ou segurado um pincel, fizeram os primeiros traçados. Dessa forma, entre falas sensíveis e pinceis marcados por tinta preta, surgiram novas habilidades, possibilidades de trocas riquíssimas, mas acima de tudo, foram talhados e compartilhados, em simples bandejas de isopor, um pouco da história de vida cada aluno, seus sentimentos e emoções.

A oficina de xilogravura finalizou com uma exposição do próprio GAPO, onde alcançou o seu objetivo: a partilha de saberes e o exercício de “uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta de uma mobilização efetiva de competências” (LÉVY, 2015, p.26), que sob o ponto de vista da educação pluralista, houve o respeito a individualidade, mas ao mesmo tempo, cooperação mútua.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização das Atividades de artes, como instrumento de produção do saber, resultou em práticas que mobilizaram o desenvolvimento de competências, o que antes tinha sido dificuldades de interação na comunicação, para alguns, diante das atividades pedagógicas. As práticas de pinturas, desenhos, dança entre outras, transformaram o espaço físico da casa de apoio GAPO em um ambiente de organização da inteligência coletiva; houve valorização e compartilhamento de saberes individuais, ressignificação do espaço e reconhecimento de saberes adquiridos pelos indivíduos.

A interdisciplinaridade presente no campo das Artes em suas múltiplas linguagens e possibilidades permitiu que o conhecimento fosse construído de forma cooperativa e flexível. A experiência artística além de potencializar a criatividade, de desenvolver dimensões afetivas, motoras e cognitivas dos indivíduos, também pode contribuir para melhor diálogo entre os conteúdos curriculares.

A experiência no GAPO também contribuiu para que os educadores superassem os desafios e optassem por uma educação aberta e flexível dos conteúdos escolares. O professor assume desse modo um novo papel na mediação e organização oportunizando a aquisição do saber coletivo.

## 5. REFERÊNCIA

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS NETO, José de Paula. **Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. Universidade Federal do Ceará, 2015. Duração: 47'08"

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BxXchA83Rms>

Acesso em: 20.06.15

FORTIN, Marie – Fabianne. **O Processo de Investigação**. Loures: Lusociência, 2010.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Folha de São Paulo, 2015.

MEC. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Secretaria de Educação Básica - Conselho Nacional de Educação, 2018.

MINAYIO, Maria C.S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 14.ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2014.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **Inteligência Coletiva, educação pluralista e multiletramentos: alternativas para o ensino em situações de dificuldades da leitura**. Salvador: Estudos Linguísticos e Literários, 2014. Nº 50, Jul - dez.